



A partir deste número "O Bisturi" passa a publicar uma série de pesquisas realizadas entre os alunos, visando conhecer sua opinião sobre assuntos polêmicos e atuais. Pretendemos não nos ater apenas a problemas internos de nossa Escola ou da Universidade, mas também trazer à tona assuntos que aflijam a sociedade como um todo. Escolhemos, portanto, um assunto atualíssimo como a sucessão presidencial para tema dessa primeira pesquisa.

ELEIÇÕES PARA PRESIDENTE DA REPÚBLICA

As eleições foram realizadas de 13 a 16 de março através de urnas localizadas no CAOC e no ICB, devendo ser destacada a expressiva participação dos alunos (aproximadamente 40% do corpo discente).

Abaixo os números obtidos.

n.º de votantes	40	(33,3%)
a favor das diretas	30	(75%)
a favor das indiretas	5	(12,5%)
sem opinião	4	(10%)
votos em branco	1	(2,5%)
votos nulos	1	(2,5%)

sem candidato	124	(33,3%)
Aureliano Chaves	104	(27,9%)
Leonel Brizola	24	(6,4%)
Paulo Maluf	18	(4,8%)
Lula	17	(4,5%)
Ulisses Guimarães	15	(4,0%)
Olavo Setúbal	14	(3,7%)
Hélio Beltrão	10	(2,7%)
Franco Montoro	8	(2,1%)
Rogê Ferreira	4	(1,0%)
Jânio Quadros	3	(0,8%)
Outros	3	(0,8%)

Os alunos a favor das indiretas também manifestaram suas preferências:

A favor das indiretas:		
Sem candidato	6	(1,6%)
Paulo Maluf	5	(1,3%)
Aureliano Chaves	3	(0,8%)
Outros	2	(0,6%)

ANALISE

A pesquisa revelou, como mostram os números, uma maioria esmagadora a favor das eleições diretas e os resultados vêm apenas confirmar a democrática aspiração de toda a nação: Eleições Diretas Já, para tornarem suas preferências:

Além desse enfoque principal, a pesquisa procurou conhecer também a preferência dos alunos por algum nome, se, porventura, as eleições diretas viessem a ser realizadas.

Os resultados obtidos foram os seguintes:

A favor das diretas:

Analisando-se os dados obtidos chega-se à conclusão de que a maioria dos alunos, sejam a favor das diretas ou não, não foi sensibilizada por nenhum dos candidatos atualmente em evidência, o que é plenamente justificado pela falta de forte liderança no cenário político nacional. De qualquer modo, devem ser destacadas as expressivas votações alcançadas pelo Vice-Presidente Aureliano Chaves e pelo governador do Rio de Janeiro, Leonel Brizola, que seriam, sem dúvida, fortes concorrentes em um pleito direto.

Curso básico

veja a análise do diretor do I.C.B., Prof. Flávio Fava de Moraes na página 3.

Remuneração do médico

entrevista com o Prof. Dr. Adib Jatene e um comentário sobre a situação atual do médico na página 6.

Sumário

Editorial	pág. 2
Entrevista com o diretor do I.C.B.	pág. 3
Balanco da tesouraria	pág. 4
Informe da diretoria	
Entrevista com Dr. Adib Jatene	pág. 6
Artigo sobre os Punk e humor	pág. 7
Especial: fotos da recepção aos calouros	pág. 8



DIRETAS E CONSTITUINTE

O Brasil inteiro espera, entusiasmado e ansioso, a data de 25 de abril, quando será votada no congresso a emenda Dante de Oliveira, que propõe eleições diretas para 1985. Há muito não se via no país uma mobilização tão grande, para expressar uma vontade do povo, legítima e inequívoca. Em todas as cidades do país têm-se realizado passeatas, comícios e manifestações de apoio que endossam e ratificam a proposição do parlamentar do PMDB. Infelizmente, ainda existem políticos e militares que, revelando sua falta de sensibilidade e de visão do momento político brasileiro, insistem em defender a manutenção desse colégio eleitoral que nada representa, a não ser os anos de arbítrio e excessão de recente e tão triste memória. Resta a nós, estudantes, engajar-nos no movimento popular e esperar que essa imensa pressão da massa consiga vencer a resistência dos donos do poder, que teimam em esconder a face e desviar o olhar à aspiração de moerática da nação: votar, e já, para a Presidência da República.

Entretanto, existe um outro aspecto ao qual não se tem dado a devida atenção e que, sem dúvida, mereceria igual se não maior reclamo de nossa parte. O Brasil precisa tanto de um presidente eleito pelo voto direto, quanto de uma nova constituição para substituir a atual, verdadeira colcha de emendas, fruto dos casuísmos, impostos não só pelas juntas e governos militares como também pelos congressos biônicos e ilegítimos. Devemos lembrar que o único período realmente democrático vivido pela nação, de 1946 a 1964, foi precedido pela convocação de uma Assembléia Constituinte e pela votação da Constituição de 1946. Não bastasse isso, deve estar claro que a atual crise que o país atravessa só poderá ser vencida por um presidente, que tenha a apoiá-lo uma nova carta, que possibilite a reforma do tributário, do judiciário, do legislativo e de todas as demais instituições, para que estas trabalhem pelo povo e em seu nome, e não o contrário.

Portanto, para que o Brasil possa seguir um caminho firme e seguro na direção das aspirações e necessidades de todos nós, será preciso que lutemos em prol, não só da eleição para a presidência, mas também para a convocação de uma Assembléia Nacional Constituinte, que assegure ao futuro presidente as condições para fazer deste país a democracia que todos desejamos.

Editorial



itorialEdit ialEditor itorialE

Em suas mãos, o primeiro "Bisturi" de 1984. Inicia-se o segundo ano de uma nova fase do jornal. Já reformulado em sua apresentação gráfica, agora também está modificado em seu conteúdo, propósitos e dinâmica interna.

Pre tendemos que o jornal não se resume unicamente às suas seis edições normais, mas que atue também nos intervalos de suas publicações.

Para isso foram criados alguns mecanismos como, por exemplo, o "Bisturi Pesquisa", através do qual pretendemos focar assuntos polêmicos da nossa faculdade. Nessa mesma linha de raciocínio, apresentamos "A Lâmina do Bisturi"

Trata-se de um encarte, que trará artigos publicados em jornais de grande circulação, com o intuito de promover a discussão e estimular debates por parte dos leitores.

No entanto, para que possamos realizar este programa, é imperiosa a participação dos leitores. E o momento é adequado para tal: a escola volta a se agregar em torno do Centro Acadêmico, a Congregação de Alunos foi eleita num processo envolvendo mais de setenta candidatos, algo que há muito não se via nesta casa. Portanto, colega, contribua enviando artigos e sugestões, que serão sempre bem vindas por parte dos editores.

Comissão editorial.

NOTA DE FALECIMENTO — Manifestamos aqui o nosso pesar pelo falecimento do colega LIN YU MIN, ocorrido dia 6 de abril de 1984.

DIRETAS JÁ

Órgão Oficial do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz" da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

REDAÇÃO
Av. Dr. Arnaldo, 455 Sub-Solo Tel.: 852-2922

COMISSÃO EDITORIAL
Alberto Stoppe Jr.
Cássio Machado de Campos Bottino
Denis Murahovschi
Fábio Carlos Nobrega Pinto
Gerson Spitzcovsky
Hilton Telles Libanori
Marcelo Klingner

ASSESSORIA JORNALÍSTICA
Airton Gontow

DIAGRAMAÇÃO
Oswaldo Nottoli

FOTÓGRAFO
Kazuei Akiyama do Depto. Fotográfico do C.A.O.C.

DESENHISTA
Oswaldo Hideo Hasagawa

DIRETORIA DO C.A.O.C.
Presidente: Fernando José Campana
1º Vice: Sandra C. Mathias
2º Vice: Vivian L. Eisenhauer
3º Vice: Denise P. Travessa
1º Secretário: Denis Murahovschi
2º Secretário: Ioanis M. Ljontakis
1º Tesoureiro: Ioanis A. Antonopoulos
2º Tesoureiro: Angela B. Moreira

Os artigos publicados neste jornal são de inteira responsabilidade daqueles que os assinam e os conceitos neles emitidos nem sempre coincidem com os da sua direção.

Estas páginas estão abertas aos alunos e professores da FMUSP, obedecendo as tradicionais regras da ética acadêmica.

Os artigos deverão ser entregues na Secretaria do CAOC, dentro do prazo a ser divulgado e preferencialmente datilografados.

Não devolveremos originais, publicados ou não.

Composição, Fitolito, Paginação, Impressão, Off-
K.M.K. Artes Gráficas e Editora Ltda.
Rua Catulo da Paixão Cearense, 624
Fone: 579-0145 - Bosque da Saúde - São Paulo - SP

Força de trabalho a serviço do bem estar e da saúde, Lafi/Usafarma colabora com a classe médica de hoje e de amanhã.

LAFI/USAFARMA

ASILONE
BITUELVE
CLORANA
DIENPAX
DIENTRIN
TRIMEXAZOL
UTRIM
ULCÉDINE
VI-SYNERAL PLUS

Ensino Básico e Pesquisa

“O Bisturi” inicia, neste número, uma série de reportagens com personalidades do meio universitário com o intuito de questionar conceitos e propostas e, mais do que isso, buscar idéias para resolução de alguns problemas que nos afligem no momento. Escolhemos para esta primeira entrevista o diretor do ICB, porque este instituto sempre foi motivo para discussões e representa parte importantíssima nossa formação médica.

A entrevista foi dividida em temas principais, a saber: O Curso Básico e A Pesquisa no ICB. Sobre esses tópicos, o entrevistado quis dar uma explicação introdutória, que publicamos abaixo, antes das perguntas.



Pesquisa Universitária: um antigo problema

I — O Curso Básico

“Para falar sobre o curso básico ministrado no ICB é preciso, primeiro, que se defina que o instituto foi criado na USP, fundamentalmente para unificar as antigas cátedras, semelhantes no conteúdo programático, num único departamento afim de que houvesse unificação de área física, de equipamentos, de pessoal docente, como também uma integração de pessoal discente de várias profissões biológicas, oferecendo-se um sentido mais universitário e não apenas de “Faculdade”.

ENTREVISTA

O Bisturi — O Curso Básico está adequado para as necessidades de formação do médico?

“Para responder esta pergunta é preciso que se definam as diretrizes do Curso Básico. Primeiro, o que é básico na área de biológicas deve ser conhecido por qualquer profissional dessa área, independente de seu campo de trabalho específico acima desse básico, devem ser exploradas as peculiaridades de cada curso profissionalizante. Para dizer se esta esquematização está adequada ou não, eu gostaria de dizer que como a ciência é, de forma geral, uma atividade de contínua conquista, o que foi básico e seria adequado ontem pode necessitar adaptação hoje. Então, se nós chegarmos à conclusão de que hoje estamos ensinando algo que não tenha interesse para o médico que está se formando, isto não exclui que o mesmo assunto possa vir a ser muito útil para o médico que vai se formar daqui a seis anos. Por outro lado, um outro assunto que nós julgamos precoce para ser ensinado agora pode tornar-se importante daqui a seis anos. Portanto, a única maneira que eu vejo de responder se o que se ensina no Curso Básico é adequado ou não, seria através de uma absoluta, íntegra e completa integração com o curso clínico. De tal forma que os professores do curso básico poderiam informar os professores da parte clínica a respeito de atualidades, ao mesmo tempo que os professores da parte clínica informariam os profissionais da área básica as suas necessidades de momento. Essa troca de informações atuais entre os dois grupos docentes permitiriam, a cada ano, dizer que o ensino está adequado, pois foi feito de comum acordo entre as duas partes. Seguindo essa linha de raciocínio, eu sou francamente favorável a que estas duas partes ocupem seus respectivos corpos discentes, de forma que os alunos que estão se graduando possam avaliar o que ocorre. Enquanto que os discentes que estão iniciando revelam

as suas expectativas. Essa participação discente é tão importante que, aqui no ICB, a pedido dos alunos, a congregação incorporou uma idéia de que cada departamento estabeleça um questionário próprio, a ser respondido pelo aluno ao fim de cada ano, que é obrigatoriamente submetido à congregação para que esta saiba, como um todo, qual foi a opinião do corpo discente sobre os cursos que são ministrados no Instituto. A primeira avaliação parcial foi feita em 1983 e será agora repetida, de forma completa, em 1984 e continuamente, sendo que a partir das respostas dos alunos é que são discutidas em conjunto com os docentes, a serem introduzidas nos cursos”.

OB — Qual a sua opinião sobre a integração entre os cursos Básico e Clínico, e sobre a participação no Básico de professores não médicos?

“Eu acredito que a primeira questão já foi respondida acima e reiterando minhas afirmações, considero essa integração entre os cursos Básico e Clínico fundamental. Com relação à segunda questão, é óbvio que na área profissional, inclusive por questões legais, só o médico pode exercer aquela atividade e portanto só quem exerce tem qualificação para ensinar. Quanto à parte básica, anatomia é anatomia para qualquer profissão biológica, assim como histologia e outras cadeiras básicas e portanto, neste setor, eu não considero a vinculação profissional como pré-requisito absolutamente necessário. É lógico que quanto mais pertinentes à carreira escolhida pelo aluno forem os professores, espera-se um melhor resultado. Entretanto, a participação de um professor, como um médico veterinário a fisiologia de uma célula, ou de um médico veterinário ensinando para um aluno de medicina veterinária a fisiologia de uma célula, ou de um médico veterinário ensinando essa mesma fisiologia para um aluno de medicina não está vinculada à qualificação da profissão como um bom histologista ou um bom fisiologista. De qualquer maneira, dentro do conteúdo programático, quando eu me refiro a certas peculiaridades, eu considero evidente que com relação a certos assuntos específicos o departamento deve ter profissionais correspondentes às áreas a quais os alunos pertencem e, se não os tiver, deveria convidar professores de fora do departamento para ensinar estes assuntos, com vinculação profissional. Da mesma forma, quando o aluno vai para o Curso Clínico, muitos dos tópicos desse curso deveriam ser reciclados em suas partes básicas, ou seja, no início das matérias do curso

Clínico deveriam ser convidados professores da área Básica para relembrar atualizadamente os alunos os ensinamentos de algum tempo atrás, para em seguida introduzir a matéria do curso Clínico. Isto poderia conduzir-nos ao paradoxo de se convidar professores da área Clínica para dar certas aulas no curso Básico e mais tarde convidar professores da área Básica para introduzir certas aulas no curso Clínico. Essa aparente incongruência, poderia ser corrigida com a integração do programa curricular, de tal forma que as coisas sejam, ao mesmo tempo, ensinadas na hora certa.”

OB — Qual a sua opinião sobre a mudança do currículo da FMUSP?

“Eu acredito que a modificação do currículo, pretendida pela FMUSP, com a intenção de torná-lo mais integrado, merece os maiores elogios. Por outro lado essa restauração curricular não deve ser jamais um fato circunstancial, isto é, faz-se agora e experimenta-se durante muitos anos, para então, mudar-se novamente. Isto deve ser feito e jamais terminado, isto é, deve ser um moto contínuo, resultado da integração entre os corpos docentes e discentes dos cursos Básicos e Clínicos, como eu já expus anteriormente. Portanto, eu acredito no sucesso não de uma revolução no currículo e sim de uma modificação constante e contínua, que atenda às suas necessidades. Para endereçar esta opinião nós temos exemplos de universidades em certas partes do mundo, em que a mudança do conteúdo programático é inclusiva obrigatória a partir de um determinado número de anos. Em contrapartida, nós possuímos currículos que estão sendo ministrados e que nunca foram modificados — ao menos oficialmente — desde que foram constituídos, demonstrando um certo imobilismo que impede a necessária atualização.”

II — A Pesquisa no ICB

“O ICB se constitui no maior e melhor centro de pesquisa básica do país, onde trabalham aproximadamente duzentos e dez docentes sendo 80% em tempo integral, com uma infra-estrutura de quatrocentos funcionários, para atender a praticamente três mil alunos de graduação; entre o primeiro e o segundo ano ciclo Básico. No Instituto são ministrados quatorze cursos diferentes e existem sete departamentos — Anatomia, Histologia, Biofísica, Farmacologia, Microbiologia e Parasitologia — onde distribuem-se trezentos pós-graduandos.”

OB — Qual é o nível da pesquisa reali-

zada atualmente no ICB e qual a sua relação com os problemas econômicos do país e da universidade?

“O último dado sobre a produtividade científica do instituto é o relatório de 1983, demonstrando que o corpo docente do ICB publicou em torno de cento e cinquenta trabalhos de nível internacional, o que não deixa de ser um número significativo, levando-se em conta as dificuldades atuais. Entretanto, os pesquisadores têm demonstrado muita garra no sentido de conseguir recursos de fora da universidade, em agências financiadoras, o que tem ajudado muito o instituto a manter o seu padrão de pesquisa e a formar novos pesquisadores. Deve-se destacar, porém, que as pesquisas não são homogêneas e ao lado de grupos de pesquisa com livre trânsito na comunidade científica internacional existem outros que executam pesquisas menos competitivas, embora igualmente tenham a sua importância. Finalmente, eu considero que a pesquisa deva ser livre e que é importante que o pesquisador possa trabalhar sem pressões, mas eu acredito que a universidade deveria desenvolver algum tipo de controle da produção científica, de acordo com alguma fórmula muito bem elaborada pelos próprios docentes, para que não se permita que muitos pseudo pesquisadores introduzidos na universidade nada façam, como desculpa de que não possuem condições para fazê-lo ou de que estudam um problema de tal ordem complexo, que mesmo decorridas algumas décadas, continuam numa atitude totalmente contemplativa.”

OB — Qual é o grau de participação de alunos na pesquisa?

“A participação dos discentes, da medicina na pesquisa básica está, sem dúvida, aquém do desejado e existem, a meu ver, vários fatores que contribuem para isso. Primeiro, a distância física e a falta de tempo do acadêmico, principalmente após o terceiro ano; segundo, o estigma da má remuneração que acompanha os pesquisadores e professores; e terceiro, o enorme esforço pessoal que é exigido do aluno, em virtude do longo espaço de tempo que pode envolver uma pesquisa. Contudo, as bolsas de iniciação científica para estudantes são oferecidas em número considerável pela FAPESP e CNPq e a esperança que surjam talentos por vocação e não por empreguismo não está perdida.”

O Professor Flávio Fava de Moraes, Diretor do Instituto, foi graduado pela Faculdade de Odontologia da Universidade de São Paulo, em 1960, e é Professor Titular do Departamento de Ciências Biomédicas da Universidade de São Paulo e chefe desse Departamento.

Relatório da Tesouraria

A) Dívida com o INPS e FGTS

A dívida para com o INPS consiste do chamado principal, que é o valor total devido correspondente à soma das mensalidades não pagas e dos juros e correção monetária que corrigem o principal para os valores atuais correspondentes. Foi passada à gestão 84 a seguinte dívida.

Principal: Cr\$ 1 143 277,00 (Hum milhão, cento e quarenta e três mil, duzentos e setenta e sete cruzeiros).

Gestão 1979	
	Cr\$
abr/79	4.693,00
maio/79	6.185,00
junho/79	6.185,00
julho/79	6.185,00
agost/79	6.185,00
set/79	6.185,00
out/79	6.185,00
nov/79	8.102,00
dez/79	8.102,00

Gestão 1980	
	Cr\$
out/80	19.093,00
nov/79	13.015,00
dez/79	9.628,00

Gestão 1981	
	Cr\$
jan/81	19.085,00
fev/81	17.322,00
mar/81	28.514,00
abr/81	31.201,00
mai/81	33.964,00
jun/81	33.964,00
jul/81	28.102,00
agost/81	33.964,00
set/81	48.006,00
out/81	48.006,00
nov/81	47.300,00
dez/81	47.300,00

Gestão 1982	
	Cr\$
jan/82	52.448,00
mar/82	40.457,00
out/82	106.694,00
nov/82	105.695,00

Gestão 1983	
	Cr\$
jan/83	82.657,00
fev/83	120.592,00
mar/83	136.864,00
jul/83	8.397,00

O total atualizado beira, atualmente, o valor de sete milhões de cruzeiros.

Dívida relativa ao FGTS

Foi passada à gestão 84 uma dívida de 85.888,10 correspondente ao total acumulado devido desde 1974 conforme especificação abaixo:

Cada valor especificado deve ser corrigido para os valores atuais, aplicando-se a eles juros e correção monetária.

Gestão 1974	
	Cr\$
dez/74	283,00

Gestão 1975	
	Cr\$
dez/75	442,96

Gestão 1976	
	Cr\$
dez/76	649,76

Gestão 1977	
	Cr\$
dez/77	490,98

Gestão 1978	
	Cr\$
dez/78	960,00

Gestão 1979	
	Cr\$
abr/79	1.317,87

mai/79	1.736,55
nov/79	501,05
dez/79	2.775,73
Total:	6.331,20

Gestão 1980	
	Cr\$
out/80	1.513,82
nov/80	2.788,06
dez/80	3.290,72
Total:	4.592,60

Gestão 1981	
	Cr\$
jan/81	3.251,16
fev/81	1.877,00
mar/81	3.438,43
abr/81	4.192,60
mai/81	5.356,28
jun/81	5.356,16
nov/81	7.508,95
dez/81	14.850,37
Total:	45.830,89

Gestão 1982	
	Cr\$
jan/82	11.882,72
fev/82	2.372,51
dez/82	9.051,78
Total:	23.307,01

O total atualizado é um valor que beira atualmente os setecentos e cinquenta mil cruzeiros.

O advogado do CAOC foi acionado para parcelar a dívida do INPS, de modo a permitir e facilitar seu pagamento, sem que isso acarrete ônus ao CAOC. Quanto ao FGTS, está-se aguardando a notificação do órgão governamental competente para se proceder a seu parcelamento também.

B) Caixa

1 — foi passado à gestão 84 uma caixa de aproximadamente Cr\$ 25.000,00 (vinte e cinco mil cruzeiros).

2 — foi passada também uma conta de caderneta de poupança com um saldo de aproximadamente Cr\$ 300.000,00 (trezentos mil cruzeiros).

C) Entradas e Saídas Atuais

As atuais entradas em caixa do CAOC são as seguintes:

a) Cooperativa — entrada variável, a média mensal atual é de aproximadamente Cr\$ 400.000,00 (quatrocentos mil cruzeiros).

b) Aluguéis
b.1) cinco livrarias — Cr\$ 135.000,00 cada uma

b.2) copiadora — Cr\$ 150.000,00
b.3) loja de tintas Del Vecchio — Cr\$ 154.150,00

b.4) banca de jornais — Cr\$ 22.000,00
b.5) encadernadora — Cr\$ 15.000,00
b.6) bar do CAOC — Cr\$ 116.075,00
b.7) restaurante do CAOC —

Cr\$ 153.760,00
b.8) barbearia do CAOC — Cr\$ 1.000,00

c) gráfica — entrada variável, a média é atualmente de Cr\$ 150.000,00 (cento e cinquenta mil cruzeiros).

Estas são as entradas fixas, com as quais contamos, mensalmente, com segurança. Há outras entradas, que dependem de certas épocas do ano e do trabalho da Diretoria para existirem. Como exemplos, temos as anuidades e os patrocínios conseguidos para as várias atividades do CAOC.

As atuais saídas da caixa do CAOC são as seguintes:

a) salários:
a.1) Faxineira — Cr\$ 105.732,00
a.2) Funcionária da cooperativa — Cr\$ 80.873,00

a.3) Gráfica — Cr\$ 73.600,00
a.4) Secretária — Cr\$ 140.910,00
a.5) Extras — Cr\$ 50.000,00

b) Encargos (INPS e FGTS) — cerca de Cr\$ 230.000,00.

Estas são as saídas fixas. Além destas, existem as despesas variáveis, que dependem das atividades organizadas pela Diretoria em cada mês. Estas saídas, serão relatadas nos balanços de janeiro/fevereiro.

QUESTÃO DA AÇÃO REVISIONAL DE ALUGUEL DO CAOC

Em 1972 foi feito um contrato entre o

dono do bar do CAOC e o CAOC. Tal contrato estabelecia um aluguel equivalente a cinco salários mínimos. Em 1980, foram feitos adendos ao contrato original, estabelecendo ajustes trimestrais baseados nos reajustes das ORTN.

O valor atualmente pago pelo bar do CAOC não corresponde nem ao previsto no contrato original nem ao previsto nos adendos. Por este motivo, foi acionado, em meados de 1983 o advogado do CAOC, para mover uma ação revisional de aluguel. Quando a atual gestão assumiu a Diretoria, encontrou o processo já em andamento.

Informados dos detalhes do processo, a Diretoria tentou estabelecer um acordo entre o CAOC e o Bar. Nesta tentativa, conseguiu-se a proposta de Cr\$ 200.000,00 de aluguel, com reajustes anuais baseados em ORTN, mais Cr\$ 800.000,00 (oitocentos mil cruzeiros) de "luvas", vigorando o contrato por cinco anos. Além disso, estaria prevista, em contrato a reforma do bar e um desconto de 20% no preço de sanduíches para sócios do CAOC.

O aluguel atualmente pago é de Cr\$ 116.075,00. O reajuste do aluguel, segundo os adendos (que devem prevalecer judicialmente), dariam na época do acordo (janeiro de 1984) o valor de Cr\$ 216.000,00. A Diretoria achou por bem não considerar tal acordo e continuar com processo, estando aberta, entretanto, a uma proposta mais justa. Até agora, o processo resultou em cerca de seiscentos mil cruzeiros de gastos entre honorários e gastos judiciais.

COOPERATIVA

Foram trocados praticamente todos os fornecedores de material para a Cooperativa. Isso foi consequência de ampla pesquisa de mercado, que revelou fornecedores de material sensivelmente mais barato e de melhor qualidade. Os estoques apresentam renovação regular e estão garantidas diferenças reais entre preços para sócios e não-sócios. Por exemplo, um segundo ou terceiro anista que compre uma camiseta e faça um curso, já terá, na diferença, a anuidade que paga.

GRÁFICA

Nossa gestão recebeu a gráfica do CAOC inativa, por problemas mecânicos na impressora "off-set" Multilith. O orçamento do conserto recebido da gestão passada para recolocar a gráfica em funcionamento chegava a aproximadamente Cr\$ 2.000.000,00 (dois milhões de cruzeiros). Após pesquisa realizada pela diretoria, conseguiu-se um orçamento de Cr\$ 80.000,00 (oitenta mil cruzeiros). O conserto foi realizado e a gráfica está funcionando regularmente desde então, realizando serviços internos, como apostilas, os cadernos CAOC, o informativo semanal ("BIP"), e serviços externos. Os preços dos serviços de gráfica já foram divulgados e estão muito abaixo da média geral de preços. Foi realizado um contrato de manutenção da "off-set" de Cr\$ 60.000,00 sem reajustes a serem pagos em prestações bimestrais iguais também sem reajustes. Este contrato fornece todo tipo de assistência à impressora gratuitamente como limpeza e lubrificação periódicas por exemplo. O investimento inicial feito para reerguer a gráfica já foi recuperado e ela é atualmente fonte de divisas para o CAOC. A gráfica possuía até 1982 além da guilhotina, queimadora de matrizes e o mimeógrafo eletrônico, três impressoras, das quais resta hoje apenas uma. Uma delas foi vendida em 1982 e, a outra, foi vendida em 2/3/1983 por Cr\$ 260.000,00 (duzentos e sessenta mil cruzeiros).

BALANÇO DO PRIMEIRO TRIMESTRE DE 1984

JANEIRO

Entradas:	
	Cr\$
Cooperativa	538.150,00
Aluguéis	951.533,00
Empréstimos	500.000,00
Anuidades	83.000,00
Outros	9.800,00
Total	2.082.483,00
Saídas:	
	Cr\$
Gráfica	175.700,00
Salários	575.683,00
Serviços Prestados	41.000,00
Roupas Brancas	105.000,00
Adiantamentos	50.000,00
Recepção aos calouros	74.025,00
Espaço Físico	125.672,00
Despesas Administrativas	1.666,91
Cooperativa	143.180,00
Encargos (INPS e FGTS)	245.914,54
Empréstimos Pagos (à Liga de F.R. e ao DS)	109.000,00
Outros (selos, cond.)	3.450,00
Total	1.650.272,30
Saldo Líquido de janeiro	432.210,70

FEVEREIRO

Entradas:	
	Cr\$
Cooperativa	1.565.290,00
Aluguéis	1.101.533,00
Anuidades	1.528.000,00
Armários	128.000,00
Doações (Departamento Cint.)	150.000,00
Total	4.470.823,00

Saídas:	
	Cr\$
Gráfica	233.200,00
Espaço Físico (armários, lâmpadas, tintas, cola, caixas acústicas, etc.)	1.328.271,44
Recepção aos Calouros	195.980,00
Salários	434.315,55
Serviços Prestados	37.000,00
Adiantamentos	70.000,00
Cooperativa	901.510,00
Encargos	221.816,04
Emprést. Cédidos (D. Fotogr.)	70.000,00
Regularização de Telefones	201.072,00
Resp. Admn. (selos, chaves, carteirinhas, mat. escr. etc.)	47.845,00
Peritagem Judicial	50.000,00
Outros	2.850,00
Total	3.793.860,30
Saldo Líquido de fevereiro	676.962,70

MARÇO

Entradas:	
	Cr\$
Cooperativa	1.825.535,00
Aluguéis	1.129.473,00
Anuidades	1.368.000,00
Tifas	658.000,00
Taxas	18.000,00
Pagto. do empr. ao Fotogr.	70.000,00
Total	5.067.008,00
Saídas:	
	Cr\$
Salários	425.715,55
Cooperativa	738.728,00
Empréstimos ao Fotogr.	70.000,00
Espaço Físico	179.500,00
Roupas Brancas	650.760,00
Telefone	37.800,00
Pagamento ao empréstimo cedido pela Liga de F.R.	618.168,00
Adiantamentos	40.000,00
Encargos	232.197,04
Carteirinhas	79.800,00
Calouros	10.800,00
Reembolso à Gráfica	18.360,00
Despesas Administrativas	5.900,00
Total	3.107.728,59
Saldo Líquido de março:	1.959.279,41

IOANNIS E. ANTONOPOULOS
1º Tesoureiro

DIRETAS JÁ

O Bisturi

Relatório da Diretoria

Caros colegas:

Escrevemos este relatório após três meses de gestão. Estamos agora mais maduros e mais conscientes das dificuldades a serem enfrentadas. Mesmo assim continuamos confiando na possibilidade de execução de boa parte do proposto ao nos elegermos. Este relatório não visa pois, propagandar as realizações da diretoria; mas sim, colocar a escola a par do que está acontecendo e quais as perspectivas de transformação ainda para este ano.

O balanço financeiro e a situação da gráfica e da cooperativa encontram-se explicitado em relatório específico nesta edição. Grande parte do trabalho de janeiro e fevereiro foi dedicado a esses setores, que, como poderá ser verificado, encontram-se em condições de desenvolver-se a curto prazo. Também nos meses de janeiro e fevereiro priorizou-se a estruturação interna do trabalho. Formaram-se comissões e responsáveis foram nomeados para tarefas específicas. A partir de então a diretoria teve condições de promover algumas atividades mais aparentes. Suprimindo uma falha de divulgação foi criado o BIP, órgão informativo de circulação semanal, que já está em sua 10ª edição. Pretendemos manter essa regularidade e ampliar cada vez mais a sua abrangência, para o que solicitamos a colaboração de todos no envio de matérias de interesse da escola a serem divulgadas. Outros órgãos informativos serão lançados conforme a necessidade o deter-

minar, como no caso do documento "Congregação de Alunos-1984"

O TROTE

Durante as férias, a 71ª turma empenhou-se na organização da recepção aos calouros, aos quais foi entregue a tradicional pasta contendo algumas publicações do CAOC, cartas de saudação, manual com informações úteis, etc. A chopada da matrícula foi gravada na primeira fita do futuro acervo de vídeo do Departamento Cultural. Complementando as atividades de recepção foi promovido o Sábado dos calouros, dia 25/2, com apresentação dos Departamentos do CAOC, ginca e festa com show do grupo Bedrock. Inicialmente bem mais extensa, a programação do trote foi reduzida em face da escassez de pessoas para organizá-la. Firma-se assim mais uma vez a importância da participação de um número bem maior de pessoas trabalhando dire-

tamente no CAOC, inclusive visando uma integração efetiva dos primeiro-anistas, ainda longe de ser alcançada. Um primeiro passo nesse sentido foi a eleição dos representantes do 1º ano na Congregação de Alunos. Pedimos desculpas aos colegas que passam a maior parte do período curricular na Cidade Universitária e muitas vezes não ficam a par de atividades do CAOC.

DEPARTAMENTOS

Já se encontram em funcionamento os Departamentos Científico, Social, Cultural e Fotográfico. Lembramos a todas as pessoas interessadas em participar de qualquer destes Departamentos ou ajudar na reorganização de outros que basta aparecer e trabalhar.

ESPAÇO FÍSICO

Nestes três primeiros meses da gestão a diretoria, segundo o proposto em carta-programa, dedicou-se bastante à reestruturação física do CAOC, estabelecendo alguns planos iniciais e tomando providências como iluminação do corredor e reforma dos armários. As propostas iniciais de reforma foram encaminhadas à colega Paulina, do 1º B, que é formada em Arquitetura pela FAU e está trabalhando num projeto que abarca todo o porão, visando criar mais espaços de vivência e instalação adequadas para as atividades do Centro Acadêmico (salão de festas, sala de projeções, anfiteatro de

reuniões, etc.). Será ainda aplicada à escola uma pesquisa de opinião sobre os itens mais importantes que deverão constar na reforma. As verbas necessárias serão fornecidas por laboratórios e levantadas através de campanha junto a alunos e ex-alunos da FMUSP. Sugestões são necessárias e devem ser encaminhadas à diretoria.

ENSINO

Neste ano de aplicação do projeto de reformulação curricular recentemente aprovado, uma das grandes deficiências do CAOC vem sendo justamente a discussão dos problemas do nosso ensino, devida não só à sobrecarga de trabalho administrativo imposta à diretoria como também às dificuldades de contato entre esta e os acadêmicos atualmente membros das diversas comissões de implantação curricular. Nossa proposta para a solução desse problema é o funcionamento adequado da Congregação de Alunos, que deverá eleger uma comissão permanente de estudo e proposições sobre o ensino.

Por todo o primeiro semestre serão desenvolvidas principalmente atividades de reforma e planejamento. Para tanto terão papel fundamental a Congregação de Alunos e o Conselho de Departamentos. Pretendemos iniciar o mês de agosto com um cronograma de atividades políticas e culturais bem estabelecido, baseado no trabalho organizativo do primeiro semestre. Participe em todos os momentos.

Diretoria do C.A.O.C.

Democracia: um presente para a USP, aos cinquenta anos

Não é por falta de colégios eleitorais que a USP padece de falta de democracia; aliás, justamente na composição deles repousa o fundamento da questão. Cada órgão colegiado, a que cabem as tarefas político-administrativas da Universidade — inclusive a de nomear os ocupantes de cargos de direção —, é um colégio eleitoral ilegítimo.

Dissecando-os encontramos os seguintes elementos: professores titulares (e adjuntos, a nível departamental), com direito à *auto-representação* (isto é, falam em nome próprio, o que juridicamente é inconcebível); representantes dos demais professores, que formam a base da pirâmide hierárquica, *apenas um por categoria docente* (um representante dos mestres, um dos doutores e assim por diante); e representantes discentes, que ocupam no máximo 10% das vagas de cada colégio. Tais órgãos "representam" uma comunidade constituída por três mil professores (dos quais apenas cerca de 380 são titulares), seis mil funcionários (sem representação alguma) e quarenta mil estudantes, de graduação ou pós, a quem cabem 10% dos votos. Fala-se, lá fora, em democracia...

A composição dos nossos colégios eleitorais universitários vem há mais de vinte anos despertando indignação, principalmente após o processo democratizante por que passaram as mais tradicionais universidades do Ocidente, culminando em 1968. No Brasil, a maior mobilização estudantil a nível nacional de que se tem notícia contestava justamente os órgãos colegiados. Em 1962, as universida-

des brasileiras paralisaram suas atividades durante três meses, pela bandeira do 1/3: um terço de representação para os estudantes, um terço para os professores em início de carreira e, finalmente, um terço para os professores catedráticos (atualmente titulares).

Essa proposta originou-se do II Seminário Nacional de Reforma Universitária, realizado naquele ano em Curitiba pela UNE. Vieram algumas vitórias subsequentes, mas também veio 1964.

Após desastrosos e tempestades, a partir da reconstrução das entidades estudantis proscritas — DCE-Livre da USP em 1976, UNE em 1979 —, ressurgiu a discussão. O Congresso do DCE-Livre, realizado em 1981, propõe a realização de eleições diretas para Reitor; o Encontro da Comunidade Universitária da USP, abrangendo também professores e funcionários, discute plataformas eleitorais. Candidata-se o Professor Dalmo Dallari, da Faculdade de Direito, que recebe cerca de 18000 votos de toda a comunidade da USP. Enquanto isso, o Conselho Universitário — insensível ao que acontece a seu redor — escolhe uma lista sextupla de candidatos, a ser submetida ao Governador Paulo Maluf, que exclui o nome de Dallari. O penúltimo colocado na lista, Professor Antônio Hélio Guerra Vieira, é finalmente nomeado pelo Governador e empossado, para espanto de todos. Um manifesto assinado pela UNE, UEE-SP, partidos políticos de oposição (incluindo o PMDB, atualmente no poder em São Paulo), personalidades, entidades e milhares de es-

tudantes exprime o não-reconhecimento de Guerra como Reitor. Mas... *vana verba*.

No entanto, algumas vitórias surgiram, na USP, deste processo. No Departamento de História da FFLCH, uma plenária de professores, funcionários e alunos elaborou uma plataforma política e, com base nela, elege e empossa um novo Chefe de Departamento. Criaram-se a seguir *comissões paritárias*, com igual representação de professores e alunos que soberanamente discutem e deliberam sobre temas específicos: currículos, biblioteca, reformas. Suas decisões são necessariamente homologadas pelo Conselho Departamental. Successivamente criaram-se novas comissões paritárias em outras escolas — ECA e, mais recentemente, Odontologia —, que têm mostrado como os estudantes podem e devem participar das decisões. O Congresso do DCE-Livre, em 1981, manifesta-se pelo não-reconhecimento e não-participação discente nas instâncias consideradas ilegítimas, como o Conselho Universitário, e pela intensificação das experiências democráticas bem sucedidas.

Ao cinqüentenário da USP é proposto um presente já antigo — aliás, um presente de grego: democracia. Lutar por ela, na prática, tem-se mostrado possível, com a mobilização e discussão da Comunidade Universitária. Cumprindo sua função, o DCE-Livre realizará neste ano um novo Congresso, seguido do Congresso da USP, em que esse presente será amplamente debatido. George Orwell que nos perdoe: 1984 não será tão mau assim...

DCE-Livre da USP

As CUB's: Comunidade na Escola

"Não tornar vã a juventude
A consciência de não ser só"

Acima de tudo, com nosso grupo na faculdade, procuramos ser *Comunidade* aqui na escola (porque é aqui que passamos a maior parte do nosso tempo); um espaço onde reconhecemos a Presença de Cristo que ama a cada um de nós; um espaço onde nos reconhecemos irmãos, filhos do mesmo Pai; um lugar onde jogamos nosso bem mais precioso — a VIDA — buscando vivê-la mais plenamente; um espaço de construção e união em cima das diferenças de cada um de nós.

Somos portanto, Igreja na universidade, estando em comunhão com todas as outras comunidades. Buscamos o significado da nossa vida nestes dias. Nossa necessidade de sermos livres, de enfrentar os desafios do ambiente da escola, desta cidade, deste país. Criar novas formas de vida, a começar aqui pela escola e depois na profissão, família, etc.

Este reconhecer a Presença de Deus que nos chama a vivermos por inteiro, colocarmo-nos em comunhão, enfim, nos amarmos, é o que nos anima nas nossas tentativas, na grande maioria frágeis e vacilantes, mas que é onde nos sentimos gente.

As comunidades universitárias de Base (CUB's) se organizam por escolas: cada uma tem seu grupo de Faculdade, que em muitas escolas tem uma só pessoa... Estamos em muitas escolas da USP, na PUC, e em outras de São Paulo. O nosso ponto de encontro e referência é a Casa Cultura e Fé na rua Cardoso de Almeida, 313 (67-0201). E temos a missa do Universitário na Igreja do Pátio do Colégio, todo domingo às 18:30 hs. Na USP, toda quarta-feira, temos a missa na nossa sala de Psicologia (Bloco 4 sala 10). Todo sábado faremos uma reunião geral na PUC às 15:00 hs.

Temos vários grupos; artísticos (coral, teatro), de profissionais (pessoas que estiveram na comunidade como estudantes e agora como formados se reunindo por carreira), de casais, de colegiais, (não só na universidade), etc. Estamos também presentes na periferia compartilhando nossa vida com a vida do povo, suas esperanças e lutas.

Convidamos quem se sente nesta busca e quem deseja conhecer melhor, a vir conversar conosco. Aqui na escola o grupo de faculdade se reúne na sexta-feira, às 17:30 hs tendo como ponto de encontro o tronco de madeira ao lado dos orelhões do CAOC.

Grupo Faculdade da Medicina.
CUB's — PU

DIRETAS JÁ

“A medicina está se tornando uma profissão assalariada”

É do conhecimento de todos, que o exercício da profissão médica, hoje, encontra-se bastante distanciado dos seus princípios filosóficos, tomando-se como base o juramento de Hipócrates e o código de Ética Médica. Da mesma forma, a remuneração, que recebe hoje a maioria da classe médica, não nos permite mais definir o médico como um profissional autônomo, ou seja, que recebe um honorário de cada cliente.

Esta situação reflete-se na relação médico-paciente, que atualmente apresenta padrões bastante diferentes dos clássicos. Um grupo de estudo está se reunindo semanalmente para avaliar estas mudanças, em especial a remuneração do trabalho médico. Abaixo, o Dr. Jatene explica o trabalho deste grupo:

O Bisturi — Como e por quem foi criado este grupo de avaliação da Remuneração do Trabalho Médico?

“Ele foi criado por uma decisão da Congregação da Faculdade de Medicina da USP, a qual concorda com a necessidade de se tomar uma posição oficial da escola em relação ao exercício profissional. O órgão formador deve se preocupar com o destino dos elementos que ele forma, especialmente na situação atual em que nós temos um número excessivo de médicos sendo formados com um potencial completamente diferente, dependendo das diferentes faculdades, levando a uma deterioração do exercício profissional. Então, nós achamos que há necessidade de uma tomada de posição rigorosa para reposicionar o médico dentro do sistema de saúde.”

OB — E a partir de quando surgiu este grupo?

“Este grupo surgiu há pouco mais de dois meses, depois de uma reunião na Congregação, na qual este assunto foi levantado e foi considerado por todos que havia necessidade de que nossa escola fizesse um trabalho sobre este assunto, e fizesse uma manifestação capaz de sensibilizar as atividades do ensino, no sentido de rever o problema da formação (do médico) e as autoridades, que manejam o exercício profissional no sentido de rever, quem sabe, até o sistema de remuneração do trabalho médico.”

OB — Quais são as etapas do trabalho?

“Bem, a primeira etapa

é tentar encontrar qual seria realmente a forma mais conveniente do exercício da profissão, pois ela está se tornando em uma profissão assalariada. O médico tem de três a quatro empregos, então ele tende a não ter clientes mais. Ele tem empregos e não cuida de clientes, pessoas que tem um vínculo com ele, pelas quais o médico fica responsável enquanto a pessoa fica sob seu controle. Isto está desaparecendo, pois o indivíduo tendo vários empregos não se fixa nas pessoas, não vive onde vivem seus doentes, e isto é mais verdade para as populações que vivem na periferia, onde os médicos vão por períodos curtos em centros de saúde, não tendo vínculo com a população. Isto rompe a característica fundamental da profissão, que é a relação médico-paciente, que não pode ser rompida e que o sistema de exercício profissional, assalariando o médico, tende a romper. Isto tem várias consequências e a que mais nos preocupa é que, não havendo a responsabilidade direta do médico pelo paciente, ele vai se desestimulando em relação à solução daquele caso em particular. E também, vai estudando cada vez menos, na medida em que precisa trabalhar fisicamente mais. Eu me coloco, pessoalmente, contra a posição de que o médico é um trabalhador da saúde. Na área da saúde temos um profissional que toma decisões, que decide que técnica empregar, que métodos diagnósticos utilizar, que terapêutica, que medicamentos ou procedimentos cirúrgicos tomar. O único profissional que faz isso é o médico. Os demais profissionais seguem recomendações do médico, em geral. Este profissional não pode ser um intelectual da área de saúde, e como tal tem que estar estudando, estar atualizado, para oferecer aos seus pacientes o que de melhor existe. No momento que assalariamos o profissional, o obrigamos a não estudar, o exercício da profissão está prejudicado, naquilo que ela tem de credibilidade, de respeito, de dedicação, que são características fundamentais. Isto tem que ser reposicionado, e para tanto, temos que rever o sistema de remuneração do trabalho médico, que está gerando estas distorções, porque o médico jovem se vê obrigado a aceitar situações, que a médio prazo vão transformá-lo em



um trabalhador da área de saúde, que não é função do médico.

OB — Quanto a avaliação em si, está sendo feita através de vários questionários, não é?

“A próxima etapa é verificar qual é o anseio de um estudante de medicina, o que ele pretende quando médico, como ele espera poder exercer esta profissão. Para residentes e médicos do Hospital das Clínicas, a mesma coisa, como eles gostariam de estar exercendo a profissão. Nós precisamos saber qual é o anseio de estudantes, residentes e médicos porque não podemos fazer alguma coisa que saia da cabeça de duas ou três pessoas. Eu gostaria muito que os estudantes participassem dizendo o que esperam da profissão.”

OB — Uma vez feito o estudo, a que órgão seria apresentado?

“Primeiro será apresentado na própria Congregação da Faculdade de Medicina, porque a manifestação não será de uma comissão e sim da Faculdade de Medicina. A FMUSP tem que se posicionar em termos de como deve ser exercida a profissão e tem que procurar influir, seja no Ministério da Previdência, Ministério da Saúde, da Educação, para que este anseio seja perseguido e, eventualmente, num prazo mais ou menos curto, alcançado. Analisando isto profundamente temos o problema da formação. Todos nós sabemos que existem escolas que abandonam seus estudantes no quinto e sexto ano, para que eles procurem um local para fazer internato, sem preparo, sem qualificação. Esses médicos vão para o mercado de trabalho em igualdade de con-

dições com aqueles que têm outro tipo de formação. Então, será que estas escolas não precisam ser revistas quanto ao número de vagas? Será que uma escola pode ter trezentas vagas sem ter hospital e ambulatório organizado? Estar em uma cidade onde a população não permite treinar trezentos estudantes? Não é obrigação das Faculdades de Medicina, especialmente esta, lutar para que estas distorções sejam eliminadas? Eu creio que a Faculdade tem força e prestígio para lutar junto com outras áreas para corrigir estas distorções.”

OB — A redução de vagas também seria aplicada a uma Faculdade como a nossa ou só a Faculdade que não tem condições hospitalares?

“Eu, quando estudante, defendia a posição de que uma Faculdade como a nossa devia ter aumentado suas vagas já naquela época, porque se isto tivesse ocorrido, talvez não tivéssemos o número de escolas que temos hoje. Foi a resistência em aumentar o número de vagas nas escolas que tem potencial de treinamento que levou a pressões que culminaram na criação de uma série de escolas que não tem condições de funcionar com um padrão de ensino e de preparação, que é necessário para uma profissão como a médica. Uma pessoa ao procurar o médico espera do mesmo competência, capacidade, dedicação, etc. E na mesma medida em que o médico não puder oferecer aquilo que o paciente espera ele não está cumprindo sua finalidade, porque a escola não o preparou adequadamente. Então, temos que rever a escola.”

Uma visão crítica sobre o exercício da profissão

Tendo participado do grupo de estudos sobre a remuneração do trabalho médico, o CAOC julga necessário a divulgação de um resumo que já foi discutido até agora, para que os alunos possam participar seja diretamente, seja pela congregação de alunos do CAOC.

Discutiu-se e constatou-se uma mudança na nossa profissão. O médico está deixando de ser um profissional autônomo ou liberal. Não atende mais a clientes. A medicina está se transformando numa profissão assalariada, onde o médico não recebe mais um honorário, mas sim um salário. E este salário não é suficiente para o sustento, causando muita insatisfação. A relação médico-paciente está caracterizada, por frieza e impessoalidade. A frieza se deve ao fato do médico seguir um horário rígido, atendendo em pouco tempo, e não atendendo mais fora do horário. A impessoalidade se verifica quando algumas vezes o médico não identifica seu nome na consulta, bem como quando do retorno, este não é feito pelo mesmo médico.

A ética médica e o bom senso determinam que todos os indivíduos tenham um bom atendimento médico, independente de sua situação financeira. Podemos oferecer serviços hospitalares mais simples ou sofisticados de acordo com o paciente, porém a atuação do médico deve sempre se caracterizar pela atenção, dedicação e competência profissional.

Contudo, o código de Ética é bem claro ao estabelecer que o trabalho do médico não pode ser explorado por terceiros. O único que pode obter lucro em cima do trabalho médico é o Estado, pois este lucro, teoricamente, é revertido para a comunidade. Façamos agora uma análise das opções de trabalho de um médico:

a — **Consultório ou Clínica particular:** — caracteriza o exercício liberal da profissão. O médico recebe um honorário, fixado por ele mesmo, adequado para seu sustento atual e futuro.

b — **Medicina de Grupo:** — surgiu com espírito de uma cooperativa. Com o aumento da demanda passou-se a empregar novos médicos em regime assalariado. O paciente chega ao sistema através de um convênio da empresa onde trabalha. O pagamento é uma taxa mensal paga em parte pelo trabalhador e em parte pela empresa. A empresa de medicina de grupo escolhe o médico e o paga.

c — **Seguro-Saúde:** — o paciente paga uma taxa mensal à seguradora; em caso de doença o paciente escolhe o médico que quiser e a companhia paga o médico. A companhia investe o lucro no seu “lastro”. O lucro provém da exploração do medo da doença, que leva a população a se assegurar e também de um exame prévio, onde pacientes com doenças crônicas ou prévias são rejeitados. Este sistema tem arrecadação maior que a da previdência, pois atende um público seletivo (rico e sem problema de tratamento caro).

d — **INAMPS:** — o médico credenciado ao INAMPS pode trabalhar em hospital público e receber salário fixo ou trabalhar em hospital particular que tenha convênio com o INAMPS. Neste caso pode receber honorário (em casa) por procedimentos (tipo 7) ou salário fixo (tipo 4). Neste último caso o INAMPS paga os tratamentos para o hospital, que fica com parte do dinheiro redistribui o restante entre os assalariados. Isto é vantajoso para médicos ultra-especializados e péssimo para médicos gerais (que são a maioria). Neste processo há uma crescente desqualificação do serviço médico.

e — **Cooperativa:** — como exemplo temos a UNIMED, onde existe uma lista de médicos que o paciente pode escolher. O pagamento é uma taxa mensal. Não há intermediação.

f — **Hospital Particular:** — se o médico não for credenciado ao INAMPS, então ele recebe salário ou honorário, de acordo com as condições do hospital.

Uma vez analisados os tipos de exercício da profissão torna-se necessário a discussão de trabalhos sobre o perfil do médico em São Paulo. O trabalho escolhido foi o de Amélia Cohn e Cecília Donnangelo, da medicina preventiva.

Neste trabalho, à disposição dos alunos na secretaria do CAOC, constatou-se que a categoria médica caracteriza-se por profissionais jovens, que atendem em média 3,5 pacientes por hora. Há uma tendência para remuneração assalariada e baixa para estes profissionais (5%).

Enfim, o médico recém-formado é obrigado a se submeter ao mercado de trabalho e suas leis, e pode ser explorado por vários processos.

Esta é a parte de discussão. Agora virá a parte de avaliação das expectativas de estudantes residentes e médicos. Esta parte se fará através de um questionário a ser distribuído. O trabalho será levado a Congregação de alunos.

Ioannis Minas Liotakis (4º A)

O Punk e a Ressaca dos Anos 80

Punk, funk, skunk, tecno pop, new heavy, new wave... Calma! Para os que tentam decifrar a gelatinosa verborrêa de Pepe Escobar e outros tapados do ramo e assim se sentir um pouco mais à vontade nos papos noturnos da rua Augusta, aconselhamos ler, recortar e guardar esta pérola do monobloco da cultura pequeno-burguesa. Portanto, tites e cocotinhas arnaldinas, atenção: começaremos pelo punk, esse espécime com crista de galo, co'eira de buldogue e alfinete de fralda na cara, que já deve ter tirado o sono dos preocupados organizadores de festinhas de embalo na Zona Sul.

O punk, como vira-lata do rock, nasceu num beco do King's Road, numa loja de artigos sado-masoquistas gerenciada por um maluco, Malcolm McLaren. Esse sujeito reuniu quatro vagabundos e gerou o aborto do rock enfadonho da época, os anti-cristos da beatlemania: o Sex Pistols. Dois deles (o baterista Paul Cook e o guitarrista Steve Jones) eram verdadeiros marginais, tendo aproveitado o glamour de um show do David Bowie para fazer uma limpeza, roubando várias guitarras, baterias e amplificadores. O vocalista tinha um cognome significativo do que estava por vir: Johnny Rotten ("Joãozinho Podre"). Não vale a pena entrar aqui em detalhes, mas o movimento esquentou a velha Britânia, causando pânico na Família Real, às vésperas do Jubileu do Coroamento da Rainha Elizabeth (1977), quando os Pistols, apesar de advertidos, desceram o Tâmesia num barco, dando shows em cada ponte de Londres.

O estilo punk vinha em resposta à estagnação do rock da época, o rock dos grupos milionários, dos super-star andró-



A esquerda: The Chash uma das primeiras bandas; no alto, Boy George do Culture Club; em baixo, Johnny Rotten, violentando o Reino Unido.

ginos e da decadente fusão com a música clássica e eletrônica (vide Rick Wakeman "rockando" com a Filarmônica de Londres). O instrumental foi simplificado, o sintetizador abandonado. Voltaram as bandas de fundo de garagem. A música deixou de ser algo prensado em vinil para se escutar em casa, voltando aos shows em botecos, festivais e excursões de baixo custo. O punk tomou o proletariado inglês, ecoando depois na França, USA, Finlândia (e até já se constatou uma pichação punk em Moscou). Mas os tigres da indústria fonográfica pisaram neste terreno tenso e iniciaram a desestruturação da onda. Os Pistols gravam e sobem no ranking dos mais vendidos, iniciando a decadência que culminará com a morte de um novo integrante do grupo (Sid Vicious, o messias do movimento) e a dissolução da banda. Contribuiu muito para isto a reação já esperada do Sistema com a moda "discoteque" e o "punk chic": o new wave.



O Punk entre plúmas e paetês

Embora alguns adeptos lembrem a simplificação do som, a retomada de batidas africanas e outros aspectos interessantes do new wave, a verdade é que, neste caso, mais uma vez a rebeldia "lights" e bem comportada, acompanhada de um som comercial e um esquema promocional "à la anos 80" joga areia no sangue borbulhante do rock.

Agora é extremamente "in" ter sua camiseta cuidadosamente rasgada por um estilista famoso. E nada como soltar um maço de boas libras esterlinas para manchar e arripiarem sua cabeleira.

Para resgatar a relação entre música e aparência visual do movimento punk, surge um novo termo: style (estilo). Formam-se pequenas tendências encabeçadas por algumas bandas, seguidas por uma tropa de fãs fantasiados. Assim aparece o new romantic (Duran Duran, Classix Nouveau, Spandau Ballet), o punkabilly (uma tentativa inexistente de retomar o rockabilly dos anos 60, liderada pelo Stray Cats), o ska (um new wave com toques de reggae e outros ritmos caribenhos), etc. Muitas vezes o "estilo" ultrapassa as afinidades musicais, reunindo, por exemplo, o B-52's e as Go-Go's em torno de um visual dos anos 50, apesar do som completamente diferente. A transexualidade torna-se morna com um Boy George (do Culture Club) que qualquer um de nós gostaria de ter como tia, e Anne Lennox (Eurythmics) que pacientemente pinta fios de uma barba mal feita no rosto.

E agora?

O ambiente torna-se estático. As FMs repetem as mesmas músicas "ad nauseam". Dessa massa vomitada da Inglaterra e dos USA despontam alguns valores como o Police e o Clash (este originalmente punk), mas que logo galpam os hit parades, enchem os bolsos, arrumam namoradas famosas — e assim o círculo se fecha novamente.

Dos subúrbios londrinos parte um novo grito de guerra em 1980: PUNK'S NOT DEAD. Mas será verdade? Os nossos exemplares tupiniquins foram escorraçados: a loja-quartel-general "Punk Rock" foi "persuadida" a deixar os office-boys da São João em paz, partindo para um triste exílio na rua Augusta. E lá fora as coisas não prometem melhorar — cada novo conjunto parece o lançamento de uma nova marca de goma-de-mascar: novo sabor, muitas cores, mas, no final, só fica o gosto amargo na boca. E haja paciência.

Gerson Spitz (49 A)

DOBRADINHA

DATAS, NOME, FILS, CLASSES, EQUAÇÕES, TEXTOS, PARABOLAS, ELIFES, IMAGENS, ELES DEIXAM CALOSINHAS VERDES E UM FUTURO NO PAPEL...

(A) → (B)

ADVINHE O NOME DOS FILMES

- D — UMA JANELA PARA O CÉU
- A — NOITE
- C — OS EMBALOS DE SABADO
- B — O IMPERIO DOS SENTIDOS
- A — GENTE COMO A GENTE

2010



Bem vinda, 72.^a turma!!!



A recepção aos calouros foi um sucesso! Esperamos que a partir de agora os novos colegas se integrem na Faculdade e participem ativamente do Centro Acadêmico.
Bem vindos.

INFORMES DA DIRETORIA

• O Centro Acadêmico atua como representante legítimo dos alunos da Faculdade, como via de expressão de suas idéias e de viabilização de seus anseios. Mas é também um lugar de encontro, um ponto agradável de estar, trocar idéias, descansar. Assim sendo, contribua para estabelecermos um verdadeiro Centro de Vivência no CAOC: doe móveis usados, tapetes, carpetes, cortinas, plantas, etc. para que possamos mobiliar o porão. Entre em contato com a Diretoria que o carroto será providenciado.

• Ajude-nos a recuperar a história do CAOC. Se você possui revistas, fotografias, recortes de jornais, plantas do porão, números antigos do Bisturi, ou quer prestar um depoimento sobre o passado da Faculdade procure a Diretoria do Centro.

• Doe discos e livros usados para aumentar o acervo da Discoteca e da Biblioteca.

VOCÊ ESTÁ EM DIA ?

O Centro Acadêmico necessita de sua anuidade para viabilizar-se como representante dos alunos. Além disso, veja as vantagens oferecidas aos sócios do CAOC:

- Desconto em compras na Cooperativa e nos serviços da Gráfica.
- Desconto em atividades culturais, peças, bailes e sessões do Cineclube.
- Direito de utilizar o material da sala de jogos.
- Desconto na Cantina e Lanchonete.
- Participação nas Ligas assistenciais ligadas ao CAOC.
- Elegibilidade para os órgãos representativos (Congregação de Alunos, Congregação da FMUSP, Congregação do ICB, representação discente nos Departamentos da Faculdade).

Estando em dia com o Centro você aposta na defesa de suas idéias e necessidades. Pague o CAOC.

CAOC DEBATE

Tentando mobilizar a comunidade acadêmica em torno de assuntos atuais o CAOC inicia um ciclo de debates, cuja programação para o 1.^o semestre publicamos abaixo:

- CAOC DEBATE I: 25/04/84 "Evolução da Saúde em Nosso Estado". Debate com Secretários da Saúde do Estado de São Paulo — Dr. Walter Leser (secretário da Saúde de 1967 a 1971 e 1975 a 1979), Dr. Adib Jatene (1979 a 1982), Dr. João Yunes (atual secretário, exerce sua gestão desde 1982).
- CAOC DEBATE II: 16/05/84 "A Igreja e a situação político-social do país" Debate com Cardeal Arcebispo de São Paulo, D. Paulo Evaristô Arns.
- CAOC DEBATE III: 07/06/84 "Sexologia" Debate com a professora Martha Suplicy.

DIRETAS JÁ